

# A TRADIÇÃO IMPRESSA DO NOVO TESTAMENTO GREGO

*Paulo José Benício*  
(Universidade Presbiteriana Mackenzie)

*“Primeiro, ninguém pensa que as obras e os cantos poderiam ser criados do nada. Eles estão sempre ali, no presente imóvel da memória. Quem se interessaria por uma palavra nova, não transmitida? O que importa não é dizer, mas redizer e, nesse redito, dizer a cada vez, ainda, uma primeira vez.” (Maurice Blanchot)*

## RESUMO

A invenção da imprensa por Johannes Guttenberg trouxe profundas conseqüências para a civilização e cultura ocidentais. Isso também desempenhou um papel decisivo no campo da crítica textual do Novo Testamento. A partir de então, cópias de um único livro poderiam não somente ser produzidas mais rapidamente como ainda acarretar custos mais baixos; evidenciando, além disso, um grau de elevada exatidão nunca antes atingido. Com a finalidade de compreender os desafios enfrentados na transmissão do texto do Novo Testamento, o autor deste artigo trata de alguns dos mais importantes aspectos da história da crítica textual do Novo Testamento, desde o período da publicação das primeiras edições até os nossos dias.

## PALAVRAS-CHAVE

Novo Testamento grego, história da crítica textual, edições críticas.

## ABSTRACT

Johannes Guttenberg's invention of printing by using movable types had the most momentous consequences for Western culture and civilization. It also played a decisive

role in the field of the New Testament textual criticism. For now many copies of a book could be produced more rapidly, more cheaply, and with a higher degree of accuracy than had ever been possible previously. In order to understand the challenges faced in the transmission of the New Testament text, the author of this article deals with some of the main aspects of the history of the New Testament textual criticism since the period when the first editions were published until the present time.

### **KEY WORDS**

Greek New Testament, history of textual criticism, critical editions.

Longa, árdua, mas profícua e iluminadora, tem sido a marcha da crítica textual do Novo Testamento grego.<sup>1</sup> Podem-lhe ser admitidas três fases distintas:

1<sup>a</sup>) *A não-crítica*: de **Desiderius Erasmus de Rotterdam** (1469-1536) aos irmãos **Elzevir**,<sup>2</sup> quando surgiram as primeiras edições impressas do Novo Testamento, destituídas de preocupação crítica.

2<sup>a</sup>) *A pré-crítica*: de **Brian Walton**, o qual publicou, de 1655 a 1657, em Londres, uma Bíblia poliglota, a **Isaías Thomas, Jr.** (1749-1831), período em que se avolumou o número de manuscritos disponíveis e em que sua *colação (confronto de cópia de um manuscrito com seu original ou com outra cópia, ou do original ou da cópia com as respectivas edições, a fim de facilitar a escolha da edição correta)* começou a processar-se, embora ainda sem bases críticas definidas.

3<sup>a</sup>) *A crítica*: de **Johann Jakob Griesbach**, erudito alemão, professor de Novo Testamento em Jena (1745-1812), aos nossos dias, época em que, aos poucos, se firmou

---

<sup>1</sup>Visando a um maior aprofundamento neste assunto, cf. BITTENCOURT, 1993, p. 117-126, METZGER, 1992, p. 95-146, MICHAELIS, 1961, p. 356-361, PAROSCHI, 1999, p. 105-140.

<sup>2</sup>Editores de Leiden, no período de 1595 a 1681, imprimiram muitas e belas obras de autores clássicos. Cf. METZGER, 1992, p. 106.

a aplicação das normas críticas, até se alcançarem critérios tidos como adequados, do ponto de vista da filologia clássica.

A primeira edição impressa do Novo Testamento grego foi aquela contida na cognominada Complutense Poliglota (dos seis volumes que a compunham, o quinto pertencia ao Novo Testamento), feita em Alcalá de Henares, na Espanha, sob os auspícios do cardeal **Francisco Ximénez de Cisneros**, que, embora pronta em 1514, só foi dada ao público oito anos depois, em 1522. Neste ínterim, o publicista helvético **Johann Froben** e o humanista batavo **Erasmus** tornaram conhecida sua edição impressa, divulgada em março de 1516.

A segunda edição das sete preparadas por **Abraão e Boaventura Elzevir**, na Holanda, em 1633, trazia, no prefácio, a seguinte afirmação: “*Textum ergo habes, nunc ab omnibus receptum, in quo nihil immutatum aut corruptum damus*” (“Tens, assim, o texto agora por todos recebido, no qual nada damos alterado ou corrompido”) - o que lhe assegurou o título de *Textus Receptus*, que por quatro séculos vigorou como o texto padrão.

**Richard Bentley** (1662-1742), famoso pesquisador de Cambridge, não editou nenhum Novo Testamento; todavia, num trabalho publicado em 1720, propôs um programa completo para uma edição. Este programa, além de defender o total abandono do *Textus Receptus*, ainda dava como exemplo o último capítulo do Apocalipse, em grego e latim, onde o texto de Estéfano aparecia corrigido em mais de 40 passagens. Ele chegou inclusive a lamentar o fato de Estéfano haver-se tornado o *papa dos protestantes*, ao contrapor os erros do Novo Testamento grego aos do Novo Testamento latino, segundo a edição oficial da Vulgata, datada de 1592. Esse foi um grave protesto e, como resultado, Bentley sofreu duras críticas. Todavia, não se deixou intimidar e passou a reunir mais material, procedente dos manuscritos gregos e da literatura

Patrística, a fim de produzir uma edição crítica completa, a qual infelizmente foi interrompida com sua morte. Suas propostas, porém, exerceram grande influência no domínio da filologia neotestamentária.

**Johann A. Bengel** (1687-1752) publicou, no ano de 1734, em Tübingen, uma edição do Novo Testamento baseada no *Textus Receptus*. Na parte final do volume, incluiu um *aparato crítico* (*conjunto de notas ou de informações que acompanham a edição crítica de uma obra literária, a fim de se justificarem critérios ou escolhas feitas pelo editor*) em que relacionou evidências manuscritológicas para as variantes adotadas, agrupando-as em duas *famílias*: a *asiática*, derivada de Constantinopla e arredores, que abrigava o maior número e os mais recentes documentos; e a *africana*, de Alexandria e algumas localidades latinas, com manuscritos, em pequena quantidade, porém, mais antigos e melhores. Conquanto essa classificação possa ser questionada em vários pontos, ela merece atenção por ter sido a primeira na história da crítica textual do Novo Testamento. Bengel também padronizou a pontuação e a divisão do texto em parágrafos, sendo seguido por vários editores. Embora fosse muito piedoso, sua obra lhe valeu severas críticas, inclusive a de ser inimigo das Escrituras.

**Johann J. Wettstein** (1693-1753), de origem suíça, publicou, em Amsterdã, sua edição grega do Novo Testamento, em dois volumes, nos anos de 1751 e 1752, após quarenta anos de estudos. Embora tenha reproduzido o texto dos Elzevir, indicou, junto à margem, as passagens que necessitavam de correção. Foi também o primeiro a introduzir, no aparato crítico, as siglas que, até nossos dias, são geralmente usadas para os manuscritos gregos: letras maiúsculas para os *unciais* (*manuscritos copiados em caracteres maiúsculos*) e números arábicos para os minúsculos. No apêndice, em que discutia os problemas textuais do Novo Testamento, seguindo os passos de Bengel,

defendeu o princípio de que os manuscritos devem ser avaliados por sua qualidade e não meramente por sua quantidade numérica.

**Karl Lachmann** (1793-1851), professor de Filologia Clássica em Berlim, foi o primeiro pesquisador que se opôs frontalmente ao texto dos Elzevir, aplicando à crítica textual do Novo Testamento os princípios já testados por suas pesquisas na disciplina que ministrava na Universidade de Berlim. Tendo-se tornado famoso pelas edições de antigos autores clássicos e medievais, anunciou, num artigo publicado em 1830, seu projeto de reconstituir o texto grego do Novo Testamento em uso na Igreja em fins do século IV (cerca de 380), pois julgava impossível um recuo ainda maior. No ano seguinte, depois de cinco anos de estudo árduo, publicou sua edição crítica, tendo-se valido apenas de manuscritos gregos unciais, da Antiga Latina e da Vulgata, bem como das citações de Irineu, Orígenes, Cipriano, Hilário e Lucífero. Assim, pela primeira vez, surgiu um texto genuinamente crítico do Novo Testamento, fundamentado nos melhores testemunhos disponíveis na época.

Uma das figuras mais salientes da história da crítica textual do Novo Testamento foi, sem dúvida, **Lobegott Friedrich Konstantin von Tischendorf** (1815-1874), que publicou não menos de 24 edições do Novo Testamento.<sup>3</sup> A mais importante foi o *Novum Testamentum Graece, Editio Octava Critica Maior* (Leipzig, 1859-1872), baseada no famoso *Códice Sináitico*, descoberto por ele mesmo no Mosteiro de Santa Catarina, no Sinai. Propunha-se a recuperar o melhor texto, embora não fosse necessariamente o mais antigo. O aparato crítico dessa edição continua sendo, ainda hoje, de uso obrigatório nas pesquisas exegéticas neotestamentárias.

A primeira edição crítica do Novo Testamento, elaborada de acordo com rigorosos princípios metodológicos, foi a de **Brooke Foss Westcott** (1825-1901) e

---

<sup>3</sup>Detalhes sobre a vida e obra de Tischendorf podem ser encontrados na obra *Tischendorf-Erinnerungen*, escrita por seu genro, Ludwig Schneller, em 1954.

**Fenton John Anthony Hort** (1828-1892), professores de Cambridge, a qual surgiu, após 28 anos de intenso trabalho, em 1881. Esta obra, que valorizou bastante o *Códice Vaticano*, ofereceu base para inúmeros estudos posteriores.

**Bernhard Weiss** (1827-1918), teólogo alemão, publicou entre 1894 e 1900, em Leipzig, uma edição crítica do Novo Testamento grego em três volumes. Como professor de exegese neotestamentária, operou fundamentalmente com base em *critérios literários e teológicos (evidência interna de leituras)* para a escolha das variantes. Seu texto se mostrou muito semelhante ao de Westcott-Hort.

**Hermann von Soden** publicou uma edição caracterizada por uma ingente quantidade de documentos escritos em caracteres minúsculos: *Die Schriften des Neuen Testaments in ihrer ältesten erreichbaren Textgestalt hergestellt auf Grund ihrer Testgeschichte* (Göttingen, 1913). Ele desenvolveu um novo sistema de classificação dos manuscritos e uma nova teoria da história do texto alicerçada em recensões (ocorridas nos primeiros séculos do Cristianismo); os resultados dessa teoria ainda hoje são questionados com vigor.

**Augustin Merk**, pesquisador católico, publicou o *Novum Testamentum Graecae et Latinae* em 1933, pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Os tradutores da Bíblia de Jerusalém, embora dando prioridades às *leituras* da Escola Bíblica de Jerusalém, fizeram uso copioso de Merk.

**Erwin Nestle**, em resposta aos apelos dos especialistas alemães no Novo Testamento, publicou, em 1927, a 13ª edição de Nestle. Ele estava, na realidade, dando continuidade ao trabalho de seu pai, Eberhard Nestle (1851-1913), que lançara em 1898, fundamentado principalmente em Tischendorf e Westcott-Hort, a primeira edição do seu *Novum Testamentum Graece*. A ele se associou, em 1952, **Kurt Aland**, então na 21ª edição. Esse erudito luterano incrementou por completo o aparato crítico não somente

dessa edição, mas também das que se seguiram, em particular, procurando trazer a lume evidências textuais advindas de papiros. Em 1979, o *Nestle-Aland*, como ficou conhecido, apareceu em sua 26ª edição, tendo sua esposa, **Barbara Aland**, por co-editora.

**Eugene A. Nida**, secretário do Departamento de Traduções da Sociedade Bíblica Americana, foi o originador, organizador e administrador do projeto que lançou, em 1966, *The Greek New Testament*, edição crítica do Novo Testamento destinada a satisfazer, em particular, as exigências dos tradutores da Bíblia em todo o mundo. A partir da 2ª edição, aparecida em 1968, Carlo M. Martini, então reitor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, foi integrado à comissão editorial, consagrando o caráter interdenominacional do projeto. Em 1975, depois de uma minuciosa revisão textual, ficou pronta a terceira edição, diferente da anterior em mais de 500 trechos.

Em 1982, **Zane C. Hodges** e **Arthur L. Farstad** editaram *The Greek New Testament According to the Majority Text* (a segunda edição, lançada em 1985, não apresentou modificações importantes). A expressão *majority text* (*texto majoritário*) refere-se ao tipo de texto do Novo Testamento preservado na maioria dos manuscritos gregos. Ele difere do *Textus Receptus* em quase 1.850 passagens e de *The Greek New Testament* por volta de 6.500 vezes.<sup>4</sup>

Em 1993, foram publicadas a 27ª edição de *Nestle-Aland* e a 4ª de *The Greek New Testament*. Os textos dessas edições permaneceram intactos em relação às aquelas publicadas respectivamente em 1979 (*Nestle-Aland*<sup>27</sup>) e 1975 (*UBS*<sup>4</sup>); mudanças substanciais ocorreram, todavia, nos seus aparatos críticos.<sup>5</sup>

Conclui-se esse breve esboço histórico da crítica textual do Novo Testamento grego ciente de que somente uma porção relativamente pequena dos estudiosos

---

<sup>4</sup> Cf. WALLACE, 1989, p. 270-290.

<sup>5</sup> Maiores detalhes devem ser pesquisados em STRECKER & SCHNELLE, 1994, p. 16.

(juntamente com suas pesquisas na área) foi aqui exposta. Em se tratando da ecdótica neotestamentária, o esforço de “incontáveis testemunhas” tem sido empregado, até o momento, de maneira incansável; e se espera que isso também continue a acontecer no futuro - em especial, quando for entendido que os manuscritos, por seu valor material e histórico-teológico, devem ser analisados minuciosa e individualmente.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, B. P. *O Novo Testamento: metodologia da pesquisa textual*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1993.
- METZGER, B. M. *The Text of the New Testament - Its Transmission, Corruption, and Restoration*. 3. ed. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992.
- MICHAELIS, W. *Einleitung in das Neue Testament*. Bern: Berchtold Haller, 1961.
- PAROSCHI, W. *Crítica textual do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- SCHNELLER, L. *Tischendorf Erinnerungen - merkwürdige Auffindung der verlorenen Sinaihandschrift*. Lahr-Dinglingen: St. Johannis Druckerei, 1954.
- STRECKER, G., SCHNELLE, U. *Einführung in die neutestamentliche Exegese*. Göttingen: Vandenhoeck/Ruprecht, 1994.
- WALLACE, B. Some Second Thoughts on the Majority Text. In: *Biblioteca Sacra*, p. 270-290, 1989.